

Perdi o jeito de escrever soneto,
foi-se-me embora a antiga habilidade,
porém não ponho agravo em minha idade,
que surge como graça ao amuleto.

Veja por outra, um esboço ainda cometo,
mas confesso, com toda honestidade,
que dos confins, zangada, a eternidade
atesta: seu limite é um "sexteto".

Malho daqui, dali e nada vem.
Parece até que minha inspiração
sacode e apita mais que um velho trem.

E chego desolado à conclusão
que nesse escatológico vaivém,
só apelando para um palavrão.

Tentativa

Humberto Del Maestro, Quadras e tercetos esquecidos, poemas dolorosos (e outros mais amenos) e sonetos, 2014.
Endereço do autor: Rua Aurora de Aguiar Ferreira 171, Ap 702, Edifício San Juan, Jardim Camburi – 29090-310 – Vitória/ES

Sendo a ganância o defeito
que seduz a humanidade,
merece grande respeito
quem conserva a honestidade!

Argemira Fernandes Marcondes,
1312 Trevo na Trova
UBT – Seção de Taubaté/SP

Quando o amor se faz lembrança
e a solidão nos invade,
ou se vive de esperança,
ou se morre de saudade...

Aloísio Alves da Costa

Ao despedir-se o poeta
nos parcos versos finais,
espera alcançar a meta
de ter um ledor a mais.

Carlos Moreira da Silva, 1103 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

Tens muitos, muitos amigos
para fazer-te a vontade.
Precisas ter inimigos
para dizer-te a verdade...

Benedita de Melo

Mestre, lento, professor
seja que nome se dá
e está sempre com amor
ao aluno a ensinar.

Humberto Oriá, 1303 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Preso em flagrante arruaça,
diz num sonoro império:
– "Prendam também a cachaça,
que é quem me tira do sério!"

Maria Madalena Ferreira

Trovia 1003 – Antônio Augusto de Assis – alka77@gmail.com

Contigo alcanço graça, fantasia
e mil momentos de felicidade.
Se longe estás, as horas de ansiedade
levam de mim a mais leve alegria.

És como uma nascente de poesia,
o brilho que me aponta a divindade.
Tua ausência me inunda de saudade,
de tristeza, de angústia e nostalgia.

Revelar tal fraqueza não me humilha.
És mais do que uma irmã, do que uma filha.
Contigo adentro mundos coloridos.

Nos braços teus encontro o meu asilo,
em teu peito me sinto mais tranquilo
e o teu sorriso canta em meus ouvidos.

Milagre

De um amigo, sempre escrevo
um pouquinho a cada vez:
na pedra, o bem que lhe devo;
na areia, o mal que me fez!

Renata Paccola, 1401 Trinos
do Pitiguarí: R.Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Separou-se... e com mais pique
justifica encabulada:
marido que dá chilique
não consegue dar mais nada..

Maria Nascimento

A vida, má roteirista,
dá-me um papel, não me ensaia
e, se eu tento ser artista,
nega-me o aplauso e me vai!

Terezinha D. Brisolla, 0703 Trovalezga
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pousos Alegre, MG

Bondade só de aparência
não salva, nunca salvou.
Pilatos, lavando as mãos,
bem mais sujas as tornou.

Marilita Pozzoli

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 04 – 2014 ABRIL
Assinatura até 31.12.14: 09 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Nem quero ser poeta,
nem galante.
Leñóis brancos no lugar onde tu desmaies!

Não conheces o sonho
nem o resplendor do dia.

Como calamares,
cegas desnuda em tinta de perfume.
Carmen.

Federico García Lorca, Interior,
de: Canções. – Gentileza de Gérsom Levi-Mendes.

"Os anos", diz o pirlhallo
cortando como tesoura,
"meu pai tornaram grisalho
e minha mãe muito loura".

Ziver Ritta, 0803 Fanal:
Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Entre prazer e desgosto,
traz-me a garoa emoção...
– Por fora, cai no meu rosto;
por dentro, em meu coração.
P. de Petrus

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.04.14, enviar até 3 haicus de quigos: Dlua do Colono, Gara, Geada.

Até o dia 30.05.14, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Advogado, Pampeiro, Urubu.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Pássaros voejam
no alto da quaresmeira
duríssimos frutos.
Anita Thomaz Folmann

Rodando no escuro
sem enxergar a estrada.
A bruma encobre.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Lindas laranjas.
Mais doces que as demais.
Laranja-lima!
Helvécio Durso

Robalo difícil
de ser pescado de anzol,
acabou na rede...
João Batista Serra

Salta do arbusto,
tal qual um galho seco.
Ah!... Gafanhoto.
Nadyr Leme Ganzert

Taças de cristal
tilintam, brilham nos brindes.
Dia da Sogra.
Neuza Eunice Pommer

Jaz a quaresmeira
verde-rosa da Avenida
Francisco Morato.
Rosangela Aliberti

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

O vento soprando
e as flores da paineira
formando um tapete. B
Alba Christina

Dia do Trabalho.
Festejam alguns, ora vejam,
crianças no malho. G
Alberto Siuffi

Paineira frondosa
com a carícia das painas,
acolhe aos pássaros. G
Amália Marie Gerda

Dia do Trabalho:
aos operários do tempo,
não dão feriado. G
Antonio Cabral Filho

Ótima viagem.
Dia do Ferroviário,
linhas recuperadas.
Denise Cataldi

Entrada do ônibus,
um cumprimento, um sorriso.
Dia do Trabalho. B
Manoel F. Menendez

Ladeando a estrada,
paineiras enfileiradas.
Céu de flocos brancos. A
Renata Paccola

Lendo seu jornal
no descanso merecido
Dia do Trabalho. G
Alba Christina

Paineira plantada
na cidade. Painas com fuligem
rolam, que maçada. G
Alberto Siuffi

Trilhos reluzentes...
Dia do Ferroviário!
Só apitos de trens!
Amália Marie Gerda

Na cidade,
à beira do rio,
paineiras em flor. G
Denise Cataldi

Antigos pássaros
sujaam o espantalho;
poleiro de gralhas.
Denise Cataldi

Balança a paineira
o vento.
Painas no chão. G
Manoel F. Menendez

Dia do Trabalho –
operários reunidos
protestas nas ruas. G
Renata Paccola

Cortina fechada
crisântemos na janela
saudação ao povo. G
Alba Christina

Apitos cessaram
e emudeceram as fábricas...
Dia do Trabalho! B
Amália Marie Gerda

Só bando de pássaros
ressurgem da cerração
quebrando o silêncio!
Amália Marie Gerda

No canteiro,
crisântemos roxos,
perfeição da Natureza. G
Denise Cataldi

Cemitério.
Em vários trechos,
o crisântemo. B
Iracema Gomes

Amanhece.
Todo em flor,
o crisântemo. G
Manoel F. Menendez

Manifestações
pelo Dia do Trabalho.
Povo insatisfeito. G
Renata Paccola

Coloridos do prado,
crisântemos sem chuva
logo é abalado. G
Alberto Siuffi

Jardim de crisântemos –
festa de beijos, dos pássaros
e insetos, nas pétalas... B
Amália Marie Gerda

Tapete de cores
para alguma santidade:
paineiras floridas. G
Antonio Cabral Filho

Dia do Trabalho
uma folga merecida
papai em casa. G
Denise Cataldi

Feriado,
o homem ganha o seu pão.
Dia do Trabalho. G
Iracema Gomes

Fonte luminosa,
a velha com as crianças.
Dia da Sogra.
Manoel F. Menendez

Veem comemorar
o Dia do Ferroviário.
Marias-fumaça.
Renata Paccola

O B O M L I V R O : U M A B Í B L I A L A I C A

A. C. Grayling, *The Good Book*, tradução Denise Bortmann, Editora Objetiva Ltda. – www.objetiva.com.br

GÊNESIS

Capítulo I

No jardim há uma árvore. Na primavera ela dá flores; no outono, frutos.

Seu fruto é o conhecimento, ensinando o bom jardineiro a entender o mundo.

Assim ele aprende como a árvore passa da semente ao rebento, do rebento à maturidade, pronta para gerar mais vida; e da maturidade à velhice e ao sono, de onde ela retorna aos elementos das coisas.

Os elementos por sua vez alimentam novos nascimentos; tal é o método da natureza e seu paralelo com o curso da espécie humana.

Foi da queda do fruto de uma árvore assim que nasceu uma nova inspiração para examinar a natureza das coisas, quando Newton se sentou em seu jardim e viu o que ninguém vira antes: que uma maçã atrai a terra e a terra atrai a maçã, por uma força mútua da natureza que mantém todas as coisas, dos planetas às estrelas, unidas entre si.

Assim todas as coisas se unem numa coisa só:

o universo da natureza, onde existem muitos mundos; os orbes de luz numa imensidão de tempo e espaço, e entre eles seus satélites, num dos quais há uma parte da natureza que reflete a natureza em si mesma, e pode meditar sobre sua beleza e seu significado, e pode procurar entendê-la: é a espécie humana.

Todas as outras coisas, em seus ciclos e ritmos, existem em si e por si; mas na espécie humana há também a experiência, que é o que cria o bem e seu contrário, e nos quais a espécie humana procura apreender o sentido das coisas.

Capítulo 2

Os primeiros que começaram a desvendar os segredos e desígnios da natureza, opondo-se valorosamente à ignorância inicial da humanidade, merecem nosso louvor; pois passaram a tentar medir o que antes era imensurável, a discernir seus laís e a conquistar o próprio tempo pelo entendimento

Foram necessários novos olhos para ver o que jazia oculto na ignorância, nova linguagem para expressar o desconhecido, nova esperança de

que o mundo se revelaria à indagação e à investigação.

Procuraram descobrir as fontes primordiais do mundo, perguntando como a natureza gera e alimenta sua fartura, e para onde, em seu curso, vão as coisas quando findam, se se transformam ou se deixam de existir.

Os primeiros investigadores deram aos elementos da natureza o nome de átomos, matéria, sementes, corpos primordiais, e entenderam que são coevos com o mundo; viram que nada vem do nada, e que a descoberta dos elementos revela como as coisas da natureza existem e se desenvolvem.

O medo domina as pessoas quando pouco entendem e precisam de lendas e contos simplórios que consolem e expliquem; mas as lendas e a ignorância que lhes dá origem são morada de limitações e trevas.

O conhecimento é liberdade, liberdade frente à ignorância e seus filho, o medo; o conhecimento é luz e libertação; o conhecimento de que o mundo contém a si mesmo, suas origens e o intelecto do homem, de onde provém mais conhecimento e a esperança de ainda mais conhecimento.

Ousa saber: tal é o lema do esclarecimento.

Capítulo 3

Todas as coisas têm sua origem em espécies anteriores: os ancestrais da maioria das criaturas vieram do mar, alguns habitantes do mar evoluíram de antepassados que habitavam terra firme; os pássaros descendem de criaturas que antes não voavam e corriam pelo chão; os rebanhos domésticos, as manadas e todas as criaturas selvagens da natureza, que pastam em terras cultas e incultas, provêm de espécies anteriores.

Tampouco os frutos conservam sempre as formas antigas, mas desenvolvem novas formas ao longo do tempo e do curso mutável da natureza.

Pode isso resultar de uma anarquia nas coisas, surgindo arbitrariamente do nada? Não: pois a natureza tem ordem e opera com medida: todas as coisas surgem dos elementos em suas gerações, cada espécie existe por sua própria natureza, que se forma a partir dos corpos primordiais que são sua fonte, e declina gradualmente ao longo dos ritmos da vida.

Nos campos, na primavera vemos vicejar a rosa, no calor estival, o trigo, as uvas que sazo-

nam amadurecidas pelo outono, porque as sementes das coisas em sua estação própria seguem juntas e, chegado o devido tempo, novas formas e nascimentos se revelam e em segurança a terra preenhe entrega sua progênie às margens de luz.

Mas, se viessem do nada, sem ordem e sem lei natural, apareceriam de repente, imprevisíveis, em meses estranhos, sem genitor; e nem cresceriam de sementes vivas, como se a vida fosse o resultado aleatório do vazio ou do caos; e então o recém-nascido se faria homem de súbito e da relva brotaria uma árvore toda copada; mas, por natureza, cada coisa cresce ordenadamente a partir de sua semente, e durante o crescimento conserva sua espécie.

Capítulo 4

Daí vem a prova de que a fartura da natureza tem origens próprias em todas as suas formas.

A terra fecunda, sem suas estações de chuva e sol, não produziria o que nos alegra, e tudo o que vive, se fosse privado de alimento, não sobreviveria nem propagaria sua espécie.

Vemos que todas as coisas têm elementos em comum, como vemos letras comuns a muitas palavras.

Por que não faria a natureza homens de porte tal que vadeassem nos mares ou com as mãos removessem montanhas ou em grande número de dias vencessem o tempo, senão porque todas as coisas obedecem à proporção?

Vemos como os campos lavrados superam os incultos, retribuindo o trabalho de nossas mãos com suas mais abundantes searas; veríamos, sem nossa fãina, sem o sulco reto e o pomar cuidado, formas de geração espontânea mais belas do que as nossas? Sim; porque a natureza é também lavradora, cujo arado revolve o solo fértil e amanhã a terra, estimulando a vida a nascer; nada vem do nada; todas as coisas têm suas origens nas leis da natureza e, por seus decretos, alcançam as margens de luz.

Capítulo 5

Quando as coisas fenecem e decaem, retornam aos corpos primordiais; nada se desfaz em nada.

Pois se o tempo, que em seu curso desgasta todos os trabalhos do mundo, destruiu inteiramente as coisas, como as gerações da natureza se recomporiam espécie por espécie?

Como as nascentes da montanha e os rios que correm no interior distante poderiam encher os

oceanos? E o que alimenta as estrelas? O tempo e as eras consumiriam todas as coisas, se as leis da natureza não estabelecessem inexoravelmente que nada volta ao nada.

Olha, as chuvas que caem do céu mergulham na terra; então brota o grão luzidio e entre as árvores verdejam os ramos e eles mesmos se carregam de frutos.

Dessas dádivas da natureza alimentam-se a humanidade e todas as criaturas; assim cidades alegres vicejam de crianças e as matas ressoam com o canto das aves; as vacas, gordas e sonolentas, deitam nos pastos enquanto lhes escorre o leite, e aos carneiros cresce a lã nas encostas férteis; a natureza oferece suas riquezas; a terra bondosa entrega seus tesouros; então o que é dado retorna à sua fonte para preparar novas riquezas; nada perece inteiramente, e nada nasce senão pela morte de outra coisa, pois a morte não é senão a origem da vida, como a vida é a compensação da morte.

Capítulo 6

E agora, como a natureza ensina que as coisas não podem nascer do nada, nem, nascidas, podem tornar-se nada, não duvides dessa verdade se nossos olhos não conseguem enxergar as partes minúsculas das coisas.

Pois observa aqueles corpos que, embora conhecidos e sentidos, são invisíveis: os ventos fugitam invisíveis nosso rosto e nosso corpo, inundam os barcos no mar quando as ondas se enfurecem e rasgam as nuvens, ou, redemoinhando desenfreados, juncam as planícies de galhos quebrados ou varrem o todo das montanhas com rajadas, dilacerando as florestas.

Os ventos são invisíveis, e no entanto varrem o mar, as terras, as nuvens no céu, agitando e turbilhonando a toda força e velocidade; invisíveis, e no entanto poderosos como a enchente do rio que derruba casas e árvores ao longo de seu curso enfurecido, de modo que nem mesmo uma ponte sólida pode resistir ao impacto quando as torrentes se avolumam: a correnteza turbulenta, com a força de cem chuvas, bate nos pilares, quebra-se destruidora e arrasta em suas ondas construções e pedras pesadas, arremessando ao longe tudo o que lhe resiste. Mesmo então as rajadas do furacão, como uma enchente poderosa que tudo arrebatava, ou, às vezes, em seu vórtice rodopiante agarrando e arrastando

objetos desamparados em redemoinhos pelo mundo abaixo: e no entanto esses ventos invisíveis são reais, rivalizando em obras e maneiras com rios poderosos cujas águas podemos ver.

Capítulo 7

Considera também: conhecemos os perfumes variados das coisas, e no entanto nunca vemos o aroma que toca nossas narinas; com olhos não vemos o calor nem o frio, e no entanto os sentimos; não vemos as vozes dos homens, e no entanto as ouvimos: tudo é corpóreo, todas as coisas são matéria ou da matéria surgem; o real é o material, visível e invisível igualmente.

A roupa, pendurada perto da rebentação na praia, fica úmida; a mesma roupa, estendida ao sol, logo seca; ninguém viu como a umidade se infiltrou, nem com foi retirada pelo calor. Assim sabemos que a umidade está dispersa em partes demasiado minúsculas à visão.

Um anel no dedo se afina na parte interna com o passar dos anos; as gotas de chuva pingando dos beirais de nosso telhado escavam a pedra; a relha curva do arado, embora de ferro, se gasta insidiosamente entre os sulcos dos campos.

Vemos as pedras da estrada desgastadas por muitos pés, e as estátuas de bronze nos portões mostram a mão direita adelgada pelo toque dos viandantes.

Vemos que ela diminui ao desgaste, mas quais são as minúsculas partes que somem, a natureza, enciumada da visão, veda a nosso olhar.

Por fim, o que os dias e a natureza acrescentam aos poucos, obrigando as coisas a crescer na devida proporção, nenhum olhar a nu, por mais penetrante, enxerga. Tampouco vemos o que o tempo rouba, quando as coisas fenecem com a idade e a decadência, ou quando os mares salinos consomem as saliências dos penhascos. Assim, por corpos e forças invisíveis, opera a natureza; assim estão os elementos e sementes da natureza muito além do olhar comum, precisando do olhar do intelecto, os olhos da ciência e os olhos da razão, para penetrar e entender; e por fim dos instrumentos que o engenho do homem concebeu, para ver e registrar as partes minúsculas das coisas e os elementos últimos da natureza, com os quais se constrói sua infinita variedade.

Ainda não consigo acreditar que este livro esteja numa livraria. Adoro livrarias. São as únicas provas concretas de que as pessoas ainda estão pensando. E gosto da maneira como elas se dividem em ficção e não ficção. Ou seja: esses caras aqui estão mentindo, aqueles ali estão falando a verdade. É assim que o mundo deveria ser. "Oi, sou Jerry Seinfeld. Sou ficção." "Eu sei." "Sabe como?" "É que eu sou não ficção."

O maior problema das livrarias é que não há lugar bastante para vender coisas junto da caixa registradora. Parece que eles acham

que aquele é o único lugar bom de verdade para vendas. Eles pensam: "Esse negócio só vai vender se o cara já tiver tirado a carteira do bolso."

Deve ser frustrante trabalhar numa livraria. Você vê alguém entrar, ficar duas horas por ali e sair com nada. Dá vontade de explodir, dar um safanão no cliente quando ele estiver saindo e dizer: "Então você acha que sabe tudo? Não há nada que você precise aqui? Deve haver alguma coisa em que você esteja pelo menos interessado. Por que você veio para cá? Nós não precisamos de você!"

De certa forma, é isso que uma livraria é. Uma loja "mais esperta do que você". E é por isso que as pessoas ficam intimidadas. Porque para entrar numa livraria, você precisa admitir que há algo que você não sabe.

E o pior é que você nem sabe o que é. Você entra e tem de perguntar às pessoas: "Onde está isso?" "Onde está aquilo?" Eu não só não tenho conhecimento como nem sei como conseguir. Portanto, é só entrar numa livraria e você está admitindo para o mundo que você não é muito sabido. Coisa impressionante.

Jerry Seinfeld, O melhor livro sobre nada, Introdução (montagem). Frente Editora Ltda. – www.estantevirtual.com.br

Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramas.
O barco no mar
e o cavalo na montanha.
Com a sombra na cintura
ela sonha em seu balcão,
verde carne, pelo verde,
com olhos de fria prata.
Verde que te quero verde.
Sob a lua gitana,
as coisas a estão olhando
e ela não pode olhá-las.
Verde que te quero verde.
Grandes estrelas de escarcha,
vêm com o peixe de sombra
que abre o caminho da alba.
A figueira esfrega o seu vento
com a lixa de seus ramos,
e o monte, gato laráprio,
eriça suas pitas acres.
Mas quem virá? E por onde...?
Ela continua em seu balcão
verde carne, pelo verde,
sonhando com o mar amargo.
Compadre, quero trocar

meu cavalo por sua casa,
meu arreo por seu espelho,
minha faca por sua manta.
Compadre, venho sangrando,
desde os portos de Cabra.
Se eu pudesse, mocinho,
esse trato se fechava.
Porém eu já não sou eu,
nem meu lar é mais meu lar.
Compadre, quero morrer
decentemente em minha cama.
De aço, se puder ser,
com os lençóis de holandã.
Não vês a ferida que tenho
do peito até a garganta?
Trezentas rosas morenas
traz o teu peitilho branco.
Teu sangue ressuma e cheira
ao redor de tua faixa.
Porém eu já não sou eu,
nem meu lar é mais meu lar.
Deixai-me subir ao menos
até as altas varandas,
deixai-me subir! deixai-me
até as verdes varandas.

Corrimões da lua
por onde retumba a água.
Já sobem os dois compadres
rumo às altas varandas.
Deixando um rastro de sangue.
Deixando um rastro de lágrimas.
Tremiam nos telhados
candeirinhos de lata.
Mil pandeiros de cristal
feriam a madrugada.
Verde que te quero verde,
verde vento, verdes ramas.
Os dois compadres subiram.
O longo vento deixava
na boca um raro gosto
de fel, de menta e alfavaca.
Compadre! Onde está, dize-me?
Onde está a tua jovem amarga?
Quantas vezes te esperou!
Quantas vezes te esperara,
rosto fresco, cabelo negro,
nesta verde varanda!
Sobre a boca da cisterna
embalava-se a gitana.

Verde carne, pelo verde,
com olhos de fria prata.
Um carambano de lua
sustenta-a sobre a água.
A noite tornou-se íntima
como uma pequena praça.
Os guardas, bêbedos,
davam muros na porta.
Verde que te quero verde.
Verde vento. Verdes ramas.
O barco no mar.
E o cavalo na montanha.
Romance Sonámbulo
Y que yo me la llevé al río
creyendo que era mozuela,
pero tenía marido.
Fue la noche de Santiago
y casi por compromiso.
Se apagaron los faroles
y se encendieron los grillos.
En las últimas esquinas
toqué sus pechos dormidos,
y se me abrieron de pronto

como ramos de jacintos.
El almídon de su enagua
me sonaba en el oído,
como una pieza de seda
rasgada por diez cuchillos.
Sin luz de plata en sus copas
los árboles han crecido,
y un horizonte de perros
ladra muy lejos del río.
Pasadas las zarzamoras,
os juncos y los espinos,
bajo su mata de pelo
hice un hoyo sobre el limo.
Yo me quité la corbata.
Ella se quitó el vestido.
Yo el cinturón con revólver.
Ella sus cuatro corpiños.
Ni nardos ni caracolas
tienen el cutis tan fino,
ni los cristales con luna
relumbran con ese brillo.
Sus muslos se me escapaban
como peces sorprendidos,
la mitad llenos de lumbre,

la mitad llenos de frío.
Aquella noche corrí
el mejor de los caminos,
montado en potra de nácar
sin bridas y sin estribos.
No quiero decir, por hombre,
las cosas que ella me dijo.
La luz del entendimiento
me hace ser muy comedido.
Sucia de besos y arena,
yo me la llevé del río.
Con el aire se batían
las espadas de los lirios.
Me porté como quien soy.
Como un gitano legítimo.
La regalé un costurero
grande de raso pajizo,
y no quise enamorarle
porque teniendo marido
me dijo era mozuela
cuando la llevaba al río.

La casada infiel
(SF9805)